

O candidato ideal

Ruy Lopes

Algum tempo atrás, setores do PMDB encomendaram um estudo sério para sondar as tendências do eleitorado com vistas à eleição do sucessor do presidente Sarney. Os resultados, mantidos em sigilo, foram deveras surpreendentes.

A primeira característica do candidato ideal, de acordo com a pesquisa, tinha por referência a idade. O povo gostaria de votar em alguém com 40 a 45 anos de idade — o que indicava uma espécie de rejeição ao grupo de velhos políticos que domina a cena desde antes do Movimento de 64. Parece que os eleitores associam as dificuldades atuais à ação dessas figuras, ainda que muitas delas tenham feito oposição aos governos que se sucederam nesse período.

O segundo traço marcante definido pelo eleitorado parecia muito estranho. A pesquisa mostrou que o povo preferia um político sem grande experiência executiva anterior. Muito provavelmente, isto era parte do anseio de renovação revelado no item sobre a idade.

O terceiro vínculo estava bastante ligado aos dois anteriores: era a modernidade. O candidato deveria parecer ligado à juventude e identificado com seus problemas e aspirações. Seguiam-se outros recortes menores do perfil, mas os três básicos eram os alinhados acima.

Muita gente no PMDB acreditou piamente nas conclusões do estudo, e até começou uma caça interna à Cinderela em cujo pé coubesse o sa-

patinho desenhado pela pesquisa de opinião. E o partido dispunha de várias opções, naturalmente. Uma delas era o governador Alvaro Dias, que levou seu desejo de atender à reivindicação do eleitorado até a convenção.

Mais do que Alvaro Dias, o nome que parecia talhado para preencher os requisitos era o do senhor José Fogaça. Ele representa um Estado forte, o Rio Grande do Sul, está na faixa etária escolhida, sempre militou na oposição, prestou relevantes serviços na Constituinte, tem índice zero de rejeição e se liga à juventude até por inclinações musicais, pois ele é compositor.

O fato de o senador Fogaça não ter ainda um porte político nacional em nada impedia sua candidatura. Ao contrário, partindo da estaca inicial, seria possível construir uma imagem adequada do candidato através dos programas de televisão da campanha eleitoral. Seria como entregar ao povo um artigo produzido segundo as especificações que esse mesmo povo ditara.

Pois bem. O tempo passou e o PMDB aparentemente jogou fora as pesquisas. Convocou-se a convenção partidária e o nome escolhido foi o de Ulysses.

Agora, olhando as pesquisas de opinião que estão sendo feitas, parece que um candidato dispunha nas preferências populares. Por coincidência, ele tem exatamente o perfil recomendado pelo estudo do PMDB.